

Infoeducação: teoria e prática
Profa. Ivete Pieruccini

CBD – ECA - USP

2017

Informação e/na sociedade da informação

► Aula 2 - 14 de agosto/2017

- **Sociedade da informação: uma nova ordem cultural**
- BURCH, Sally. Sociedade da informação/ Sociedade do conhecimento. In: AMBROSI, A.; PEUGEOT, V; PIMIENTA, D. **Desafios de palavras**: enfoques multiculturais sobre as Sociedades da Informação. Paris : C & F Éditions, 2005. Disponível em: <http://www.dcc.ufrj.br/~jonathan/compsoc/Sally%20Burch.pdf> . Acesso em: 28 de junho 2017
- **Para saber mais:**
- MATTELART, A. **História da sociedade da informação**. São Paulo : Loyola, 2001.
- SANTOS, P. L. V. A. da C.; CARVALHO, A. M. G. de. Sociedade da informação: avanços e retrocessos no acesso e no uso da informação. **Informação & Sociedade**: Estudos, João Pessoa, v.19, n.1, p. 45-55, jan./abr. 2009.

Objetivo da aula

- Refletir e discutir sobre a noção de sociedade da informação, tendo em vista compreender natureza de questões que envolvem as relações entre informação e educação na contemporaneidade.
- Bibliotecas e Biblioteconomia: quais implicações neste quadro?

Sally Burch



Sally Burch é jornalista independente britânica, residente no Equador desde 1983 e diretora-executiva da Agencia Latinoamericana de Información (ALAI). Publicou diversos textos sobre comunicação e novas tecnologias, além de ser co-autora dos livros *Movimientos Sociales en la Red* (ALAI, 2001) e «*Se cayó el sistema*»: *Enredos de la Sociedad de la Información* (ALAI, 2003).

De 1990 a 1993, liderou a implementação do primeiro nodo para comunicação eletrônica do Equador (EcuaneX). De 1993 a 1995 foi coordenadora mundial do *Programa de Apoio às Redes de Mulheres* da Associação para o Progresso das Comunicações (APC), iniciativa pioneira para incentivar mulheres para o uso da Internet na IV Conferência Mundial da Mulher promovida pela ONU. De 2001 a 2003 atuou como co-coordenadora do Grupo de Trabalho sobre Conteúdos e Temas da Sociedade Civil no âmbito da Cimeira Mundial da Sociedade da Informação promovida pela ONU.

É formada em literatura pela Universidade de Warwick (Inglaterra) e tem um diploma em jornalismo da Universidad Concordia (Montreal, Canadá).

Sociedade da informação: interrogações

- Vivemos uma época de mudanças ou uma mudança de época?
- Como definir as profundas transformações que apareceram paralelamente com a introdução acelerada na sociedade da inteligência artificial e das novas tecnologias da informação e da comunicação (TIC) ? « Aldeia global », « era tecnoeletrônica », « era » ou simplesmente « sociedade da informação » e « sociedade do conhecimento » são alguns dos termos forjados para tentar identificar e compreender a dimensão dessas mudanças.

Iniciando a conversa....

- “O que caracteriza a revolução tecnológica atual não é o caráter central do conhecimento e da informação, mas a aplicação deste conhecimento e informação a aparatos de geração de conhecimento e processamento da informação/comunicação, em um círculo de retroalimentação acumulativa entre a inovação e seus usos”.
- “A difusão da tecnologia amplifica infinitamente seu poder ao se apropriar de seus usuários e redefini-los. As novas tecnologias da informação não são apenas ferramentas para se aplicar, mas processos para se desenvolver. (...) Pela primeira vez na história, a mente humana é uma força produtiva direta, não apenas um elemento decisivo do sistema de produção” (Castells, M).

Sociedade da informação: história dos termos

- Durante a última década, a expressão « sociedade da informação » foi sem dúvida consagrada como termo hegemônico e não necessariamente porque ela exprime uma clareza teórica, mas em razão do « batismo » que ela recebeu pelas políticas oficiais nos países desenvolvidos, além do coroamento que ela recebeu pelo *Sommet mondial* (Cúpula mundial), “organizado em sua honra »

-

Sociedade da informação: origem e contexto do termo

- Em 1973: Daniel Bell, sociólogo norte americano, introduz a noção de sociedade da informação em seu livro *Rumo à sociedade pós-industrial*
- Sociedade da Informação: será baseada no conhecimento
- Conhecimento: será a base dos serviços da (nova) sociedade
- Serviços fundados sobre o conhecimento: estrutura central da nova economia e de uma sociedade apoiada sobre a informação; menos sobre a posse do capital que sobre a atitude para a inovação
- Na SI as ideologias seriam supérfluas.

Sociedade da informação/sociedade pós-industrial

- Daniel Bell: em detrimento de expressões como *sociedade da informação*, sociedade do saber (*knowledge society*), prefere «sociedade pós-industrial» por julgar menos imprecisa.
- Sociedade pós-industrial: transição de uma economia baseada na manufatura para uma outra, baseada na tecnologia.
- Uma sociedade com ênfase nos serviços
- Bell Daniel. *Vers une société postindustrielle: une tentative de prévision sociale*. Paris:Laffont, 1976.

Antes de Daniel Bells

- Um dos primeiros a desenvolver o conceito de sociedade da informação foi o [economista Fritz Machlup](#). Em 1933, Machlup começou estudando o efeito das patentes na pesquisa. Seu trabalho culminou no importante estudo "The production and distribution of knowledge in the United States" em 1962. Este livro foi [amplamente considerado](#) e foi traduzido para o [russo](#) e [japonês](#).
- O problema da tecnologia e seu papel na sociedade contemporânea tem sido discutido na literatura científica usando uma série de rótulos e conceitos. Ideias de um conhecimento ou informação econômica, sociedade pós-industrial, sociedade pós-moderna, revolução da informação, capitalismo da informação têm sido debatidas nas últimas décadas.
- Sociedade da Informação é um termo - também chamado de [Sociedade do Conhecimento](#) ou [Nova Economia](#) - que surgiu no fim do Século XX, com origem no termo [Globalização](#). Este tipo de sociedade encontra-se em processo de formação e expansão.
- A [sociedade](#) não é um elemento estático, muito pelo contrário, está em constante mutação e como tal, a sociedade contemporânea está inserida num processo de mudança em que as novas tecnologias são as principais responsáveis. Alguns autores identificam um novo paradigma de sociedade que se baseia num bem precioso, a informação, atribuindo-lhe várias designações, entre elas a Sociedade da Informação.
- Este novo modelo de organização das sociedades assenta num modo de desenvolvimento social e econômico onde a [informação](#), como meio de criação de [conhecimento](#), desempenha um papel fundamental na produção de riqueza e na contribuição para o bem-estar e qualidade de vida dos cidadãos. Condição para a Sociedade da Informação avançar é a possibilidade de todos poderem aceder às [Tecnologias de Informação e Comunicação](#), presentes no nosso cotidiano que constituem instrumentos indispensáveis às comunicações pessoais, de trabalho e de lazer.

Sociedade da informação: uma noção antiga

Transformar a sociedade e a cultura por meio da circulação mais fluida e mais transparente das ideias é muito antiga:

Condorcet (1743-1794); Otlet (1868-1944); dentre outros

Wiener (1894 -1964) desenvolveu explicitamente em termos de gestão da informação (sem todavia ter dado a seu modelo político o nome de *sociedade da informação*) em sua obra *Cibernética ou Controle e Comunicação no Animal e na Máquina*.

Desde 1940, a « *sociedade da comunicação* » vista como alternativa à organização social e política existente. « *A informação* », escreve Wiener, “é assim o nome do conteúdo de nossa troca com o mundo exterior, enquanto nós nos ajustamos a este, e que nos faz suportar o processo desta adaptação”.

WIENER, Norbert. *Cybernetique et societ e*. Paris : UGE, 1971 [1950]. p.291

SI: ressurgimento do termo

- 1990: expressão reaparece no contexto do desenvolvimento da *internet* e das Tecnologias da Informação e Comunicação.
- 1995: figura como questão central nas reuniões do G7, (que se torna G8, reunindo os chefes de Estado ou de governo das nações mais poderosas do planeta).
- É examinada no contexto do OCDE, pelos EUA e outras agências das Nações Unidas e Grupo do Banco Mundial (que a adotaram)
- 1998: a expressão é escolhida pela União Internacional das Telecomunicações, depois pela ONU; nomeia o Sommet Mondial (2003, 2005)
- Trata-se de construção política e ideológica, que se desenvolve no quadro da globalização neoliberal que visava sobretudo acelerar a instauração de um mercado mundial aberto e « autoregulado ».

SI: a infraestrutura para seu desenvolvimento

1991: senador Al Gore (Estados Unidos) propõe a criação de uma “auto estrada nacional e de dados”, a «*National Information Infrastructure- NII*»

Objetivo: religar os centros de pesquisa de excelência em informática (em referência ao “new deal” de Roosevelt após à crise de 1929, do qual seu pai havia sido promotor do equipamento de auto estrada do país)

Proposta: traz em sua origem uma ambição de conversão econômica.

1992: quando da campanha presidencial, ele estende o projeto, indo além dos meios da educação superior para vislumbrar a “estimulação de toda a economia US”; uma vez eleito vice presidente de Clinton, ele faz uma composição-chave da política econômica da administração democrática.

1993: a iniciativa governamental engaja um programa coordenado de melhoria do acesso de todos aos dados públicos; emenda a favor da conexão de todas as escolas, bibliotecas e municipalidades à internet);

Um consórcio industrial para a « rede eletrônica de banda larga destinada a religar, tanto as universidades como a administração, todos os escritórios e todos as cadeias».

Rede eletrônica: lançamento

- 15 de Setembro de 1993: Al Gore e o secretários do Estado do Comércio anunciaram seu programa destinado a edificar a infraestrutura nacional de informação capaz de « *deslanchar uma revolução da informação que mudará para sempre o modo pelo qual as pessoas vivem, trabalham, comunicam-se uns com os outros* ».
- A denominação NII (National Information Infrastructure) designa muito concretamente a convergência dos terminais telecomunicações/tecnologias da informação/indústrias do lazer e todos os suportes existentes: cabo telefone, satélite, hertz, com o intuito de melhorar suas capacidades e sua organização (acesso, codificação, aumento de transferência de dados...).
- “*Fornecer um meio regulamentar pelo qual o setor privado se sentiria encorajado a fazer investimentos necessários para construir a rede nacional de informação da qual o país tem necessidade para ganhar a competição do século*” (B. Clinton)
- Alargar as condições existentes para suprimir todas as barreiras da concorrência nas indústrias interessadas (no território dos Estados-Unidos, evidentemente).

Desdobramentos

- 1994: Al Gore dirige um discurso a representantes da indústria americana:
- « *Nós sonhamos uma forma diferente de estrada da informação, uma super auto-estrada capaz de salvar vidas, criar empregos e dar a chance a cada americano, jovem ou velho, de ter acesso à melhor educação disponível*”, em direção « ao encontro das necessidades de informação dos cidadãos” ...
- Onde, os grandes princípios da NII:
- A)- encorajamento ao investimento privado, a promoção da concorrência e a vontade de assegurar a flexibilidade da regulamentação para adaptá-la às evoluções tecnológicas
- B)- preocupação do acesso universal, com ênfase sobre os setores da educação e da saúde e o desejo de melhorar a vida democrática.
- 1994: uma Força Tarefa trabalhando em 4 direções: as aplicações, a informação, as tecnologias (*software, hardware* e redes) e o financiamento de tudo isso.
- Os parceiros: a administração (isto é o governo e as agências federais), as empresas (que têm necessidade de se atentar para o desenvolvimento do mercado); os consumidores (compreendidos como suas organizações de defesa da vida privada, de segurança, da propriedade industrial, etc.).

Da infraestrutura nacional à infraestrutura mundial da informação

- 1994: Conferência da UIT (União Internacional de Telecomunicações), em Buenos Aires, Al Gore profetiza: « *Nós temos hoje em mãos os meios técnicos e econômicos para juntar todas as comunidades do mundo, nós podemos enfim criar uma rede de informações planetária que transmite mensagens e imagens à velocidade da luz desde as maiores cidades até as pequenas vilas de todos os continentes. Redes de inteligência distribuídas cercando o globo graças à cooperação de todos os governos e de todos os povos. Cada elo que nós criamos reforça elos da liberdade e da democracia no mundo inteiro; abrindo os mercados nós abrimos as vias de comunicação... abrindo as vias de comunicação, nós abrimos os espíritos, eu vejo uma nova era ateniense da democracia se forjar nos foruns que criarão a infraestrutura global de informação*”
- Uma mistura de elementos entre político e o geo-econômico, um *cheiro* criativo e promoção do modelo capitalista (Armand Mattelart), nessa promessa de uma nova ordem mundial da informação.

Depois dos Estados Unidos, a Europa: o *livro branco*

- Apresenta: desmaterialização da economia, dominação dos serviços, posse e circulação da informação como recurso estratégico e financeiro (interdependência dos mercados, via liberação dos movimentos de capitais associada às novas tecnologias de informação e comunicação).
- A « sociedade da informação»: é vista como a consequência da descentralização da economia, cujo corolário é a « a comunicação e o partilhamento da informação e do saber».
- Um objetivo está fixado: a criação de 15 milhões de empregos na Europa até o final do século XX.
- Reconhecendo o avanço dos Estados Unidos, o livro branco assegura que « *a dimensão europeia daria à sociedade da informação suas melhores chances* ». A aceleração do desenvolvimento das autoestradas da informação (ou seja das redes de comunicação de banda larga) constitui o primeiro dos eixos de desenvolvimento: ele repousa sobre a parceria público-privado e visa a desenvolver, além das infraestruturas, os serviços e aplicações que lhe são associadas.
- O plano de ação, 5 prioridades: difundir a exploração das tecnologias de informação (por meio de experimentações associando os utilizadores), dotar a Europa de serviços de base transeuropeias. Redes de banda larga interoperáveis, comparadas às redes de transportes físicos ou de transportes de energia), perseguir o desenvolvimento de um quadro regulamentar adaptado à formação para as novas tecnologias, reforçar as performances tecnológicas e industriais (R-D e negociações comerciais internacionais)
- O Programa tende a provar que a sociedade da informação é de fato por princípio uma « sociedade das tecnologias da informação» que permite a eclosão de novos mercados de serviços, geradores de crescimento, de emprego e de fato, de bem-estar, incluindo fazer passar aos mercados um certo número de serviços públicos – com as reservas seguintes : observar a que isto se traduza por uma diminuição dos custos para o usuário, evitar os efeitos sociais negativos e ter em conta particularidades europeias.
- Dez domínios de aplicação são: o teletrabalho, o ensino a distância, a rede científica, os serviços telemáticos para os PME, a gestão do tráfego rodoviários, o controle do tráfego aéreo, as redes de saúde, os tele-procedimentos, as redes transeuropeias de administração pública, as comunidades digitais.

SI: Uma problemática, uma noção fluida

- A expressão sociedade da informação apresenta ambiguidades. É preciso interrogar primeiramente sobre a noção de *informação*:
- Em sentido corrente: « *informação* » é sinônimo de « *notícia* ». Como « mensagem », o sentido é praticamente partilhado em outras línguas : são as « *news* » para os anglófonos, as « *Nachrichten* » para os germanófonos etc. A noção é indissociável da coisa significada ao seu destinatário.
- *Etimologicamente a informação significa colocar em forma, “forma designando o contrário do que ela significa hoje, ou seja, a essência”. (Bernard Voyenne). A “informação é o que forma, modela, transforma um elemento da realidade e permite, assim representá-la” (Pierre De Loof et alii).*
- Com Claude Shannon, o termo ganhou um sentido diferente em razão de sua formulação matemática: « a quantidade de informação », ligada à medida e ao transporte dos signos e/ou sinais, como « redutora de incerteza ». Como indica Daniel Confland, toda relação de informação é precedida de uma interrogação e visa eliminar uma dúvida.
- O uso instrumental de uma noção estritamente destinado ao controle técnico dos sinais não tem vocação para ser aplicada à forças sociais, mediáticas, culturais da informação. Interrogar-se sobre a informação num contexto outro que puramente matemático ou mecânico supõe colocar-se a questão do valor ou da pertinência da informação.
- Para Jean Meyriat, a informação não tem valor em si. Ela só adquire esse caráter em função das necessidades que ela satisfaz para pessoas ou grupo de pessoas. A importância atribuída a uma informação, e portanto ao suporte técnico que a coleta ou transporta, é proporcional à importância do problema que ela ajuda a resolver. Sendo dado que esta última varia em função do contexto, há de fato disparidades na reação à informação segundo a categoria socioprofissional, a idade, o gênero, o lugar de moradia...

SI: a noção restrita de informação

- Uma das maiores questões que atravessa os debates sobre a « sociedade da informação » atenta precisamente ao fato de que estas definições de informação (de um lado um procedimento técnico de cálculo de sinais, de outro um processo social de construção de sentido), longe de serem aí distinguidos, parecem poder coincidir, o que remete a uma impostura. Isso se traduz em particular por um tipo de pretensão geral dos dispositivos informáticos a constituir, em seu funcionamento, toda a sociedade, a cultura, o saber.
- É importante reintroduzir distinções, impondo uma certa tomada em conta das mediações que separam e religam os processos técnicos da comunicação e da sua dimensão social, política, cultural. A noção de « tecnologias de informação e da comunicação » (TIC) é muito embaraçosa nesse sentido; o livro também foi uma tecnologia. Essa expressão, e os debates que a acompanham, não ajudam a distinguir o que se refere a uma abordagem sociopolítica da informação e o que, no seio de tal abordagem, necessariamente determinante, pode permitir compreender o papel particular da informática. Colocando-se que a informática é a informação e designando-se a primeira sob a designação da segunda, o debate torna-se pouco a pouco impossível ao controle crítico

Sociedade da informação e cidadania: preocupação antiga

- A expressão *sociedade da informação* ganha gradativamente novos circuitos:
- Nos anos 1970: Joseph Carl Robnett Licklider diretor da primeira equipe de pesquisa sobre a informática no âmbito do Departamento americano da Defesa, escrevia : « colocar nas mãos de pessoas o poder do computador é essencial para a realização de um futuro em que os cidadãos sejam em sua maioria informados dos processos de decisão e sejam interessados e implicados”

Informação e Conhecimento: apenas uma questão cognitiva?

- Para o cognitivismo computacional, o conhecimento resultaria do processamento de informações (tanto em máquinas, quanto em homens), bastando programas bem estruturados de informação, transferência e recepção de informações.
- O processamento de informações não pode lidar com nada além de dados bem definidos e arbitrários que possam ser incluídos em sistemas específicos de relações estritamente governadas por um programa de operações elementares. Tal sistema não é capaz de lidar com a imprecisão, com a polissemia, com conexões conotativas ou metafóricas.

SI: uma construção geopolítica

- Neste contexto, o conceito de “sociedade da informação” como construção política e ideológica se desenvolveu das mãos da globalização neoliberal, cuja principal meta foi acelerar a instauração de um mercado mundial aberto e “auto-regulado”. Política que contou com a estreita colaboração de organismos multilaterais como a Organização Mundial do Comércio (OMC), o Fundo Monetário Internacional (FMI) e o Banco Mundial, para que os países fracos abandonem as regulamentações nacionais ou medidas protecionistas que “desencorajassem” o investimento; tudo isso com o conhecido resultado da escandalosa intensificação dos abismos entre ricos e pobres no mundo.
- A sociedade da informação pode ser vista como uma organização geopolítica dada a partir da terceira revolução industrial, com impacto direto no uso da informação e das tecnologias da informação e comunicação (TICs). O termo surge como uma mudança de paradigma técnico-social presente na sociedade pós-industrial, visando o uso da informação como moeda para a sociedade em constituição naquele momento. No Brasil ganhou peso a partir da publicação do Programa Sociedade da Informação no Brasil – Livro Verde, em setembro de 2000, pelo Ministério da Ciência e Tecnologia, sendo marcada pela falta de debate na construção do documento mestre (SANTOS, P.)

Sociedade da informação: significados

- A expressão sociedade da informação (sociedade pós industrial) recobre: inovações técnicas, conteúdos, práticas e programas de ação pública e privada.
- A SI sofre dupla imposição:
- A)- a das técnicas mediáticas que encerram todas nossas atividades numa rede cada vez mais densa;
- B)- a da economia imaterial em que o conhecimento é antes de tudo o fator de eficácia e performance.
- A razão instrumental está no coração deste universo, tanto quanto seus efeitos sociais e culturais dependem menos de infraestruturas e de ferramentas que dos usos de fato. Toda tecnologia sendo ambivalente, os fantasmas induzidos pela vinda programada da “sociedade da informação” oscilam entre globalização e balcanização (fragmentação), inteligência coletiva e hiperindividualismo, liberação e exclusão, criatividade e uniformização, etc...

Sociedade da informação, sociedade do conhecimento, sociedade informacional...

- Para Castells, embora o conhecimento e a informação sejam elementos decisivos em todos os modos de desenvolvimento, “o termo informacional indica o atributo de uma forma específica de organização social na qual a geração, o processamento e a transmissão de informação se convertem nas fontes fundamentais da produtividade e do poder por conta das novas condições tecnológicas surgidas neste período histórico”

Da sociedade da informação às sociedades do saber? (ou do conhecimento?)

- A UNESCO coloca a questão, introduzindo uma nova referência mais ou menos obrigatória à «sociedade da informação» por uma expressão concorrente, de uma outra abordagem, «*sociedades do saber*».
- Este gesto consiste antes de mais nada, para lembrar que se nossa língua distingue «*informação*», «*conhecimento*» e «*saber*», colocá-los em equivalência procede de simplificação perigosa.
- Tecnologias de informação e de comunicação facilitam o acesso aos dados, aos documentos, e criam situações de comunicação: isso não significa necessariamente criar informação útil e, ainda menos, produzir naturalmente uma troca de saberes ou de conhecimentos. É necessário, para isso, processos particulares, que não são simplesmente tecnológicos: os dados circulam, os documentos se transmitem, a informação se partilha, o conhecimento se adquire, o saber se constrói. É o negócio dos atores competentes das instituições qualificadas, como os professores e a escola, é também o efeito das mediações culturais e das atividades sociais em torno dos saberes que permitem essas aprendizagens e essas trocas essenciais.
- Esse debate terminológico (sociedade da informação ou sociedades do saber) coloca a dupla questão de saber se queremos uma sociedade homogênea ou uma sociedade que respeita a diversidade das culturas e se nós consideramos as máquinas a partir dos processos técnicos e industriais ou a partir dos valores e práticas humanas que estão em jogo.

Da sociedade da informação às sociedades do saber? (ou do conhecimento?)

- A sociedade dita « da informação » é, em suas formas reais, a do fosso digital. Ela é tecnológica e tecnocrática. O conceito de sociedades do saber promovida pela UNESCO funda-se nas aspirações dos homens por mais justiça, solidariedade, democracia e paz. Construir as sociedades do saber, para que o saber « *tornado força motriz maior da transformação das sociedades* », « *contribua para a redução da pobreza e da preservação da paz* » (UNESCO), esses são desafios humanos, sociais, culturais, políticos a serem considerados antes de tudo.
- O conceito de « sociedades do saber » repousa sobre uma visão da sociedade propícia à autonomização que engloba noções de pluralismo, de integração, de solidariedade, de participação. Trata-se de que a utilização, como toda ação de caráter político e cultural, tem conta dos direitos do homem, dando atenção particular aos princípios de liberdade de expressão, de acesso universal à informação, de igualdade de acesso à educação, de respeito à diversidade cultural: todos os princípios que uma simples lógica de performance técnica em que a performance técnica ou a confiança na lógica do mercado não têm nenhuma razão de garantir naturalmente.
- Como menciona Elisabeth Longworth, diretora da Divisão da sociedade da informação na UNESCO, convém talvez se interrogar doravante sobre o objetivo prioritário: « *Em que tipo de sociedade nós queremos viver?* », e a que necessidades devem responder as ferramentas que são as TIC ?

Dado o quadro apresentado, é preciso refletir:

- Uma das maiores questões que atravessa os debates sobre a «sociedade da informação» implica definições de informação:
- um procedimento técnico de cálculo de sinais ou um processo social de construção de sentido?
- Queremos uma sociedade homogeneizada ou uma sociedade que respeita a diversidade das culturas?
- Consideramos as máquinas a partir dos processos técnicos e industriais ou a partir dos valores e práticas humanas que estão em jogo?

Em síntese:

- O conceito de « sociedade da informação », apareceu com a globalização neoliberal, subtendendo-se que, a partir disso, seriam as « revoluções tecnológicas » que determinariam a orientação do desenvolvimento; os conflitos sociais pertenceriam ao passado. Por esta razão, este conceito não é o mais apropriado, seja para qualificar as novas tendências das sociedades e, menos ainda, para descrever um projeto de sociedade anti-hegemônica.
- É essencial constatar e julgar ilegítimo todos os termos que, ou toda a definição que reforce essa concepção etnocêntrica de sociedade.
- Toda referência ao termo « sociedades » deve ser no plural, tratando-se de reconhecer a heterogeneidade e a diversidade das sociedades humanas: apropriar-se das tecnologias em função de suas prioridades específicas de desenvolvimento em lugar de se adaptar, para fazer parte, digamos assim, da sociedade da informação definida previamente.
- Toda definição do termo « sociedade » não pode descrever uma realidade limitada à Internet ou às TIC. Internet pode ser um novo quadro de interação social, mas esta interação está estreitamente integrada ao mundo físico, e os dois domínios se transformam mutuamente.
- Por um projeto de sociedade em que a informação deve ser um bem público e não uma mercadoria; a comunicação, um processo de participação e de interação ; o conhecimento uma construção social partilhada e não uma propriedade privada ; e as tecnologias um suporte para isso, sem que elas se tornem um fim em si mesma

Afinal, informação para quê?

- “Se esperamos viver não só cada momento, mas ter uma verdadeira consciência de nossa existência, nossa necessidade e mais difícil realização será encontrar um significado em nossas vidas”... (BETTELHEIM, p. 11)
- O conhecimento é condição da existência humana. Fora dele, seja qual for sua natureza, não há possibilidade de cultura, de sobrevivência individual ou coletiva, não há as tramas simbólicas que nos sustentam e constituem. (É...) “valor essencial e indispensável à vida humana e como categoria permanente que, desde sempre, acompanhou e acompanha a espécie: somos seres do conhecimento. Nós o constituímos e ele nos constitui”. (PERROTTI)
- Bruno BETTELHEIM, em a “A luta pelo significado” (p.11-20), enfatiza a abordagem psicológica da significação, indicando a importância da informação literária, narrativas orais como categoria indispensável à elaboração de sentimentos, por meio do simbólico, sobretudo quando o pensamento racional não está preparado para articular informações que respondam às nossas inquietações. A verdade é que sem significado para a vida e para o mundo, sucumbimos....
- Significação: dar *sentido ao mundo e a si mesmo*
- O *significado* dá sentido à vida, nos mantém na luta pela existência.

Significação: desafios permanentes

O que está em causa, em síntese, é o que move as pessoas rumo ao conhecimento e à busca de significados para si e para o mundo. Buscar e assimilar informações faz parte do existir, porém, trata-se de uma esfera ainda pragmática, de resposta às necessidades imediatas, ao fazer “a fila andar”.

Para além disso, o interrogar-se sobre o mundo e sobre a vida, suas disposições, inclui nos percebermos em todas essas amplas e complexas dimensões (biológica, cultural afetiva, social, política), sabendo articulá-las ao universo dos signos.

Daí, ser necessário compreender que ter acesso às informações não resolve, por si só, o problema do conhecimento/significação. É preciso aprender caminhos - bússolas cognitivas- que nos ajudem a dar sentido às informações: significar.